

Jorge Fernandes e a ressignificação da linguagem poética

Conheci a poesia do genial poeta modernista, autor teatral, contista, cronista, comerciante, funcionário público e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANRL), Jorge Fernandes, lá pelo início da década de oitenta, por intermédio de minha amizade com o premiado poeta, trovador e também membro da Academia, Luiz Rabelo, nos corredores da Fundação José Augusto (FJA), onde conversávamos bastante sobre a literatura do Rio Grande do Norte.

Jorge Fernandes foi considerado o precursor da poesia modernista no Estado, muito pela supressão da rima e do ritmo cadenciado, características de sua poesia que o distinguiram dos demais vates do final do século 19 e início do século 20. O professor, escritor, antropólogo, folclorista e membro da ANRL, Veríssimo de Melo, foi o primeiro a escrever sobre a poesia do bardo natalense, com texto publicado na revista Bando e na obra Dois Poetas do Nordeste, afirmando que o poeta fora o precursor do Modernismo na poesia brasileira. Por sua vez, o médico, pesquisador, escritor, historiador e estudioso da obra de Jorge Fernandes, Lenine Pinto, também escreveu sobre Jorge e o entrevistou, tendo publicado a entrevista no Diário de Pernambuco, no início da década de 1950.

A poesia de Jorge Fernandes ficou conhecida nacionalmente por sua amizade e correspondência com o professor, escritor e folclorista Mário de Andrade. Graças a esse intercâmbio, houve o reconhecimento da poesia do vate por parte de intelectuais do Sudeste, o que gerou uma citação de Câmara Cascudo em sua coluna Bric-à-brac, no jornal A Imprensa, de propriedade de seu pai, em 24 de agosto de 1924.

Recitemos trecho do poema “Rede”:

“Embaladora do sono.../ Balanço dos alpendres e dos ranchos.../ Vai e vem nas modinhas langorosas.../ Vai e vem de embalos e canções.../ Professora de violões.../ Tipóia dos amores nordestinos.../ Grande... larga e forte... pra casais.../ Berço de grande raça”

Foi ao ler um discurso de Luiz Rabelo, em uma separata da revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, que me aprofundi mais na poesia de Jorge. Na ocasião, Rabelo escreveu sobre o jornalista e escritor Jayme dos G. Wanderley, e na metade do discurso, fez uma referência a Jorge Fernandes, comunicando que o autor de “Manhencença” admirava os ícones da poesia portuguesa Fernando Pessoa, António Nobre, Sá Carneiro, Antero de Quental, Cesário Verde e os poetas românticos brasileiros.

Jorge Fernandes foi estudado em teses de mestrado e doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelos professores Tarcísio Gurgel e Humberto Hermenegildo. Cheguei a folhear nos anos noventa, no sebo Cata-livros, uma tese de mestrado, produzida na Universidade de São Paulo (USP), e publicada nos idos da década de setenta.

Aqui, na respeitada Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Fernandes foi fonte de estudos e publicações em livros por um seleto grupo de professores do Departamento de Letras. Registre-se: Francisco das Chagas Pereira, Maria Lúcia Garcia, Veríssimo de Melo, além de publicações em revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), Academia Norte-rio-grandense de Letras, livros e jornais. Cite-se: Esmeraldo Siqueira, Veríssimo de Melo, Gumercindo Saraiva, Lenine

Pinto, Otto Guerra, Alvamar Furtado, e outros. É preciso destacar que o *Livro de Poemas de Jorge Fernandes*, seu único rebento poético, foi incluído na relação das publicações a serem estudadas no vestibular de 2008 da UFRN. Importante salientar que antes do *Livro de Poemas*, Jorge Fernandes publicou apenas um livro, em parceria com Ivo Filho, o raro *Contos & Troças - Loucuras (1909) – Contos Humorísticos de Jorge Fernandes e versos de Ivo Filho*.

Em sua investida no teatro, Jorge produziu peças e fez algumas parcerias com o autor teatral, poeta, advogado e escritor, Ivo Filho, e também com o poeta, autor teatral, cronista, jornalista e escritor, Jayme dos G. Wanderley, além de outros autores da Sociedade Teatral "O Ginásio Dramático" (1914/1920). O ilustre poeta foi um dos fundadores da referida sociedade, escrevendo magníficas peças, revistas, comédias, burletas, vaudevilles e dramas, como "Pelos grades", um *grand guignol* apresentado no antigo Teatro Carlos Gomes, e que encantou a sociedade natalense da época.

No final da década de 1990, o jornalista e dramaturgo Paulo Jorge Dumaresq e o advogado e ator Marcos de Hollanda apresentaram o monólogo "Jorges – A Poesia de Jorge Fernandes no Palco". A récita conquistou 10 prêmios nos festivais de Franca, Teresina, Marília e Piedade. Afora a dramaturgia e a poesia, Fernandes escreveu contos e crônicas em diversos periódicos de Natal, além das publicações nacionais "Terra Roxa" e "Revista de Antropofagia". Assinava textos com o pseudônimo de Félix Fidélis e editoriais com a assinatura de Mato Grosso.

Neste ano de 2023, o bardo completaria 136 anos. Natalense, nasceu em 1887, na rua Santo Antônio, no centro de Natal, e faleceu cinco dias antes de completar 66 anos, a 17 de julho de 1953. Na época, morava na rua Vigário Bartolomeu, quase na esquina com a Coronel Cascudo, há 100 metros do Café Majestic de sua propriedade em sociedade com outros comerciantes. O local era ponto de encontro de poetas, escritores e intelectuais. Era a famosa Diocésia, que chegou a ser visitada pelo grande poeta Manuel Bandeira e o escritor Mário de Andrade. Ficava na rua Ulisses Caldas olhando para o Royal Cinema.

Jorge Fernandes foi um transgressor em seu tempo, ressignificando a linguagem poética ao propor uma nova ordem estética nos versos com profunda consciência de seu labor. Ele conseguiu unir o local e o universal em sua elocução particular, que só os muito capacitados alcançam. Antenado com as novas tendências da poesia no início do século 20, o vate da Cidade Alta apropriou-se da nova estética em voga na época para revolucionar a ordem poética natalense, potiguar e brasileira. E o poema "Rede" é exemplo de sua ousadia, antecipando o poema concretista.

Concluo transcrevendo um texto de Moacyr Cirne sobre a poética de Jorge: "O poema jorgiano contém, em seu bojo, a simbolização onomatopaica (vide Manheçença..., Briga do teju e a cobra, Viva o sol!...Tetê, etc.), o recurso caligramatizante (Rede), o espaçamento verbal (Tetê), a metacrítica ao parnasianismo. No meio de tanta versalhada, que então se publicava, o nome de Jorge Fernandes — cuja poesia, até 1959/1960, ainda seria bastante atual — é um monumento literário. Nas palavras de Mário de Andrade, seu Livro de Poemas conserva uma memória guardada nos músculos, nos nervos, no estômago, nos olhos, das coisas que viveu".

Carlos Lucas (Astral) é poeta, contista e articulista.

Fontes:

CIRNE, Moacy. A Poesia e o Poema do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1979.

ARAÚJO, Humberto H. Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte. Natal: Editora Universitária, 1995.

Trecho de reportagem da Tribuna do Norte publicada em 22/08/2017.

Frase de um texto sobre Jorge Fernandes do sociólogo João Gothardo publicado no jornal "O Potiguar".